

CAST CONTOS



ALICE R. TSANDRA

ALICE FERRARI CAVALHEIRO / ISADORA MINGO FRANCEZ

Coleção Pequenos Autores da Ilha

CAST CONTOS

Produção Literária dos Alunos do 6º Ano A

2024

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
APRESENTAÇÃO	7
O CHICLETE	9
O SEQUESTRO	10
UM CRIME NA COZINHA	11
HISTÓRINHA.....	12
A BONECA	13
A FACA	14
O DIA QUE EU QUASE FUI PRESO.....	15
NA CLANDESTINIDADE	16
A VACINA	17
UM DIA QUALQUER	18
UM CRIME DE HALLOWEEN	19
O JARDIM MÁGICO	21
PENSAMENTOS INTRUSIVOS GANHANDO VIDA	22
O PATINETE.....	23
O DIA EM QUE EU “FUGI” DE CASA.....	24
POR QUÊ, DEUS?.....	25
O DENTE	26
O CHOQUE	27
APRENDENDO COM OS ERROS	28
A VASSOURINHA	29

A PEDALADA RADICAL.....	30
O SUSTO.....	31
FALAR OU CAIR	33
A MELANCIA	34
A ÁRVORE	35
O MACHUCADO DA AMIZADE.....	36
BICICLETA NÃO É SKATE.....	37

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos estudantes, que, diante do desafio deste projeto, empenharam-se para criar e desenvolver um trabalho diferente em termos de uso de novas tecnologias.

À Dani Tucuxi, que compartilhou com carinho seus conhecimentos profissionais, durante uma de nossas aulas de Língua Portuguesa, e despertou nosso interesse pelas paisagens sonoras.

Agradeço também à coordenação e à equipe de apoio da escola, que nos deram suporte sempre que necessário.

Professora Ana Carolina Jeffe

APRESENTAÇÃO

As palavras do autor do livro didático de Língua Portuguesa nos motivaram a mergulhar nas lembranças e aventuras de infância: Quando somos crianças, nossa cabeça vive povoada de imaginação e, às vezes, temos dificuldade de distinguir a fantasia da realidade... assim, reinventamos, escrevemos e vamos contá-las em áudios para que, gravados, ecoem no futuro.

Os estudantes do 6º ano A escutaram, leram e criaram relatos de infância durante o segundo bimestre de 2024. Aceitaram o desafio de contar suas próprias histórias e aventuras através de podcasts, utilizando a tecnologia digital para preservar seus trabalhos na modalidade oral. Não foi simples, mas valeu muito o aprendizado.

Esperamos que vocês se divirtam escutando as histórias e se permitam imaginar conosco.

Professora Ana Carolina Jeffe

O CHICLETE



Eu estava assistindo a um desenho calmamente, enquanto comia um chiclete. Minha irmã estava do meu lado, mexendo no celular. Nós duas estávamos no quarto e minha mãe, na sala fazendo uma importante reunião online.

O chiclete na boca, e eu só mastigava e mastigava; mesmo vendo tv, só me lembrava do chiclete, a concentração era grande, só pensava que ele iria perder o gosto uma hora, e, finalmente, essa hora chegou, o chiclete de morango, que antes estava saboroso, perdeu o gosto.

Então, como toda pessoa, eu fui jogar fora. Caminhei até o banheiro e, quando o chiclete ia parar no lixo, ele grudou no meu cabelo, eu tentei tirar, mas não funcionou. Eu entrei em desespero, fiquei em pânico, não sabia o que fazer, fui falar com a minha mãe, mas ela não podia, pois estava em uma reunião, ela mostrou a mão pedindo espera.

Eu não conseguia esperar, então corri para o meu quarto, onde não tinha ninguém, e peguei a tesoura. Corri para o banheiro, não sabia o que estava fazendo, só cortei, e o chiclete saiu. Vi todo aquele cabelo no chão, juntei e joguei no lixo, então, voltei a assistir ao desenho, como se nada tivesse acontecido.

Mas não percebi e deixei rastros, minha mãe viu um tufo de cabelos no chão do banheiro. Eu tentei falar que tinha algo de errado, pois não fiz nada, mas eu minto muito mal. Então, minha

mãe descobriu e deu uma bronca em mim, ela ficou brava, não por ter eu cortado o cabelo, mas, sim, por ter mentido.

Alice Ferrari Cavalheiro

O SEQUESTRO



Num belo dia, eu estava com uma amiga, que se chamava Olívia, a gente estava indo tomar açaí e, quando estávamos quase saindo de casa, minha mãe gritou:

- Filhooo, não deixa o Simba fugir (O Simba é o meu cachorro).

Eu respondi: - Okay, mãe!

E assim a gente foi até o portão da minha casa, mas o que menos esperávamos era que o meu cachorro iria sair correndo pelo portão. Naquela situação, a única coisa que passava pela minha cabeça era me esconder, e assim eu fiz. Saí correndo, subi as escadas, corri para o quarto da minha mãe e tranquei a porta. Fiquei ali por um tempo, até que eu ouvi alguns gritos envolvendo o meu nome.

- Arthurrrrr, aparece que eu te dou um Bis – Gritando cada vez alto. Arthurrrrr, vem aqui, sua mãe tá preocupada. Arthurrrrr, apareceeeee!

Eu estava quase desistindo, mas resolvi aguentar mais tempo. Depois de um tempo, comecei a ouvir barulhos de sirene

da polícia vindo até a minha casa, cada vez mais perto, até que eu ouvi um moço perguntar para minha mãe:

- Qual é o nome dele?

- Arthur Silva Vaz. - Minha mãe fala chorando.

Nessa hora, eu estava me sentindo horrível, a única coisa que eu pensava era em aparecer, era em sair daquele quarto. Então, eu resolvi colocar a TV no som máximo e colocar em qualquer canal, foi isso que eu fiz. Ouvi um monte de gente me chamando, falando meu nome e correndo pro quarto, quando minha mãe disse, desesperada:

- Arthur, nunca mais faz isso comigo.

Eu levei uma bela de uma bronca. E esse foi o dia que eu fui "sequestrado".

Arthur Silva Vaz

UM CRIME NA COZINHA



Eu estava lá, sozinha, no chão gelado da cozinha. Eu era muito inocente, tinha apenas um ano e meio de idade, e diante de mim no chão, havia alguns itens de cozinha que minha mãe havia deixado para eu brincar. Eu não via por que não experimentar fazer uma comidinha. Abri o armário de comidas e fui procurar algo ali. Peguei um pacote com farinha, outro de arroz e mais alguns mantimentos.

A farinha se derramou pelo chão e sujou todas as panelas, e senti a farinha nas minhas bochechas. O próximo foi o arroz que coloquei bem no meio da panela. Quando fui pegar a colher para misturar a minha deliciosa comida, bati com o braço na panela e ela virou no chão, meu cabelo ficou cheio de arroz.

Pronta para botar o próximo ingrediente e muito orgulhosa com a comida que eu estava preparando, estava curiosa com o que minha mãe ia achar, segui com o preparo... Antes que eu finalizasse o meu lanche, ela chegou à cozinha, e eu estava lambuzada de minha bagunça, estava com as panelas imundas de farinha, assim como o chão. Mas em vez de minha mãe brigar, ela achou muito engraçado. Na verdade, todos acharam e tiraram um monte de fotos de mim e minha comida.

Bianca Albé Casal

HISTÓRINHA



Quando eu tinha apenas um ano de idade, eu e meus pais viajamos para o Rio de Janeiro para eu poder ver a minha bisavó, que já estava bem velhinha.

Ao chegarmos lá, eu encontrei o meu primo Yure e o chamei para brincar com a minha mãe. Um tempo depois, minha mãe saiu e alguns segundos depois...

—Tia, tia, me ajuda - disse Yure.

— O que foi? - perguntou a minha mãe.

— O Bruno lambeu a planta, puxou a orelha do cachorro e derrubou a TV.

Depois de tudo isso, nós voltamos para casa e tudo voltou ao normal.

Bruno May Carmo

A BONECA



Oi, meu nome é Catarina e eu vou contar sobre o crime na boneca da parede.

Era uma tarde ensolarada, eu não estava com nada para fazer, vi a parede branca e decidi desenhar uma boneca. Foi incrível, pois, antes uma parede branca, agora tinha a minha marca na casa. Depois eu me arrependi, fui para o meu quarto, me tranquei e pensei: “e se eu pular a janela?” E foi isso que eu fiz, pulei a janela.

Eu fui para a casa da minha vó. Quando cheguei, precisei ir ao banheiro, mas o Igor (meu cágado) foi correndo atrás de mim, ele faz muito barulho, mas fui correndo para o banheiro. Ninguém me viu, ainda bem, eu pensei.

Quando saí do banheiro, o Igor estava no meu pé pedindo colo (é sério, ele faz isso, mesmo com vinte e cinco anos. Os cágados vivem até trinta anos, então, ele é idoso. Ok, não estamos aqui para falar do Igor.) Eu saí do banheiro, meus pais e meus avós

me deixaram de castigo, pois eu saí do quarto escondida e bem quietinha.

Catarina Pasta Arenhart

A FACA



Em um belo dia em Canasvieiras, eu e meus amigos estávamos jogando futebol. Nos veio a ideia de brincarmos de pega-pega, então, começamos a brincar e, depois, ficamos com fome.

Fomos à minha casa comer biscoitos. Eu tive a brilhante ideia de pegar uma faca na cozinha, escondi a faca no meu bolso e ficamos brincando. Peguei a faca no meu bolso e corri atrás dos meus amigos. Depois da brincadeira de muito mal gosto, fomos relaxar, então veio o porteiro e perguntou qual era o meu apartamento, respondi “trezentos e vinte e seis”, e o porteiro ligou para minha mãe.

Minha mãe veio furiosa atrás de mim, pegou no meu braço e me levou para casa. Tivemos uma conversa longa, eu meu pai e minha mãe, e depois me deixou de castigo por um mês.

Depois do castigo, ignorei o que tinha acontecido e peguei a faca escondido de madrugada. Fui até as plantas, que se localizavam no parquinho, cortei e esmaguei as plantas e plantinhas. Voltei para casa, meus pais estavam dormindo e fiquei vendo TV. Depois meus pais acordaram com o barulho do

interfone tocando. Era a portaria ligando porque viu nas câmeras eu cortando e esmagando as plantas e plantinhas. Quando meus pais descobriram, me deixaram de castigo por mais dois meses.

Cauã de Castro Ventura

O DIA QUE EU QUASE FUI PRESO



Essa história começa quando eu tinha quatro anos.

Minha mãe, minha irmã e eu fomos ao shopping.

Nós já estávamos de saída, porém eu, como qualquer criança que vai ao shopping, pedi para minha mãe para irmos à Ri Happy.

Lá, eu vi o brinquedo mais legal que eu já tinha visto, era tão radical que, quando eu vi, meus olhos brilharam... Sim, era uma máquina de fazer bolhinhas de sabão. Então, eu pedi para minha mãe aquele brinquedo:

- Mãe, mãe eu quero muito esse brinquedo!

-Filho, na volta a gente compra, esse brinquedo está muito caro!

- Mãe, mas esse é o brinquedo mais legal que eu já vi na minha vida!

- Filho, agora não dá.

Então, eu me joguei no chão e comecei a gritar muito:

- Mãããe, eu quero muito esse brinquedo, me dá.

Então, ela me pegou no colo, e eu comecei a bater e arranhar minha mãe. Mas ela só me levou até o carro.

Já no carro, ela saiu do shopping e foi em direção ao posto de Polícia Militar. Parou em frente a ele e me disse:

- Criança que bate na mãe tem que ser presa!

Depois disso, eu comecei a chorar, e ela nos levou para casa.

OBS: Essa história é 100% real, e a máquina de fazer bolinhas de sabão custava duzentos e cinquenta reais

Felipe Miranda Lima

NA CLANDESTINIDADE



Um belo dia, estava eu, Gabriel, com um ano e três meses de idade na Florida, com minha mamãe e meu pai. Até que avistei o portão da escada aberto, decidi traquinar. Subi todos os degraus, todos! Mas a suprema mamãe me viu. Fiquei com pavor da prisão, mas engatinhei até meu quarto e chutei uma bola na minha mãe, a bola não chegou a ela, mas tudo bem.

Ela tinha me pegado, o que seria de mim? Nada? Quando ela me largou no chão, me deu o meu almoço ou algo assim.

Após o papá, fui traquinar de novo, desenhei minhas primeiras marcas no mundo. Três riscos e um quadrado mal desenhado! Tive que me esconder. A clandestinidade era a única opção, ela tinha avistado meu crime, ela perguntou quem tinha feito aquele desenho lindo, e eu me entreguei. Ela me segurou, fiquei com medo, mas ela me deu uma balinha Bitoca. Fiquei indignado porque os bebês do mal não são mais levados a sério.

Gabriel de Camargo Le Glas

A VACINA



Quando eu tinha, mais ou menos, oito anos, meu pai me acordou dizendo que iríamos ao shopping, mas já sabia do desastre que ia me acontecer. O rosto sorridente dele, ah, o rosto entregava o meu medo, mas aceitei e fui junto, mesmo sabendo de tudo.

Assim que chegamos mais perto, eu vi uma clínica médica para vacinas, meu coração disparou. Disparou tanto que deve ter estado mais rápido que um raio ao atingir o chão. Ao entrarmos na clínica, quase desmaiei. Esperei um, dois, três, quatro, vinte...minutos.

Fomos chamados. Entrei na cabine e me sentei na cadeira, quando a médica se aproximou, comecei a chorar, gritar e me mexer tanto que pediram para eu deitar, e meu pai me segurou. A força do meu desespero foi maior que a força dele, então a médica chamou mais um para me segurar, mas não adiantou. Então, chamou mais uma e outra, e continuei lutando, e mais uma

vez não me derrotaram. Assim, eles tiveram que ir para a última opção, já eram cinco me segurando, eu tentei e me chacoalhei, usei toda a minha força que jamais imaginei que tinha. Resisti, tentei, tentei de novo e mais uma vez, e mais uma, e outra, outra, outra até que não aguentei, eles venceram.

Pareceu que minha dor foi em dobro assim que ela enfiou a agulha, que entrou no meu braço e eu gritei tanto, mas tanto, que acho que quase fiquei muda. Chorei e senti tanta dor quanto o dia em que meu pai não quis comprar M&Ms, esse dia foi triste, eu chorei muito. Depois da vacina, meu pai me levou para loja de Kit Kat! Eu gostei!

Giovana Lucchese Schwening

UM DIA QUALQUER



Em um dia qualquer, eu estava na casa da minha amiga Nataly. Nós estávamos jogando futebol no quintal. Tudo parecia estar indo bem, até que, em um momento de empolgação, dei um chute muito forte na bola. Sem controle, a bola foi direto em direção ao vidro da casa dela. O som do vidro se quebrando foi estrondoso.

Naquele momento, eu congelei. Estava completamente em choque. Nataly me olhou com os olhos arregalados, e a única coisa que passava pela minha cabeça era: "O que eu fiz?" O pânico tomou conta de mim e, antes que eu pudesse pensar em qualquer outra coisa, saí correndo em direção à minha casa.

Chegando lá, desesperado, fui direto para o quarto do meu pai e me escondi debaixo das roupas que estavam sobre a cama. O medo de que o pai da Nataly viesse atrás de mim era tão grande que eu só conseguia pensar no pior: "Ele vai me bater!"

Eu fiquei lá, quieto, tentando me acalmar, mas meu coração continuava disparado. Mas no final, deu tudo certo.

Ícaro Ayres Knoll

UM CRIME DE HALLOWEEN



Quando eu era pequena, eu era uma criança muito travessa. Adorava aprontar e fazer "pentelhices", quase sempre minhas travessuras acabavam com um joelho ralado, cortes e arranhões nas pernas, uma dor chata de roxo, uma birra e minha mãe falando - "Isadora... Mingo... Francez... Eu não te avisei?!"- no final. Felizmente essa história não acaba com algo do meu corpo quebrado ou faltando. Não tenho orgulho de falar que esta história é real, mas, como não dá para voltar no tempo, por que não contá-la?

Em 2019, na festa de halloween escolar, havia várias fantasias: assassinos, vampiros, abóboras, bruxas e eu, que usava a fantasia mais macabra: um gatinho preto. Me sentia como uma adulta, já que a turma do primeiro ano podia finalmente ir ao "parque dos grandes", que era o principal parque do colégio. Quando finalmente nos libertaram, fui toda alegre e saltitante pedir doces aos mais velhos, já que adoravam quando

jogávamos charme a eles, mas, como nada é perfeito, a diretora decidiu que o infantil ia também.

Que injustiça absurda! Já sem esperança, decidi ir até a sala de espelho jogar pebolim. Chegando lá, fui em direção à mesa, mas a minha tiara de orelha de gato caíra. Me abaixei para pegá-la e encontrei uma trilha de embalagens da bala Frutella, segui os rastros e encontrei Thomas, um amigo meu, ele estava escondido para não dividir os doces. Ameacei contar o esconderijo a todos, então ele me deu um punhado de balas, e fizemos um plano - fingir que éramos do infantil e falar que não tínhamos doces. E não é que deu certo? A cada balde cheio de doces, esvaziávamos para repetir o processo. Quando o sinal bateu, todos nossos colegas estavam com pouquíssimas balas, então a professora disse:

- Crianças, venham todas até a roda, nós vamos dividir os doces!

-O QUÊ?- eu falei aterrorizada- A culpa não é nossa se eles não conseguiram pegar tantos doces quanto nós!

- Crianças, eu já falei, nós somos um grupo.

-"Grupo"? - disse a pequena Isadora, preocupada.

Sáímos correndo com diversos doces na mochila, nas calças, nas roupas e nos nossos chapéus, tivemos que dividir o que não coube, mas o resto ia servir para o resto do ano todo!

Isadora Mingo Francez

O JARDIM MÁGICO

Joana adorava explorar o jardim da casa de sua vó, era uma menina de 7 anos. Em um certo dia, descobriu uma porta secreta escondida em uma árvore muito antiga e grande. Muito curiosa, Joana abriu a porta e entrou, logo encontrou um jardim encantado, com flores gigantes de cores luminosas e árvores com folhas douradas. Era muito mágico tudo que via em sua volta.

Ao entrar conheceu uma fada, seu nome era Luz a guardiã do jardim. A fada Luz contou que o jardim só recebia visitante com o coração puro, lá tinha um cristal mágico e só poderia ver o cristal quem a fada autorizasse. Para conseguir chegar no cristal seria necessário seguir as pistas da fada. Foi uma grande aventura!

A menina Joana ficou tão encantada com tudo que via em sua volta, algumas árvores eram como se fossem umas camas elásticas, outras balanços que jogavam ela de um lado para o outro. A fada ficou feliz de ver Joana se divertindo, e ela até esqueceu que estava atrás do cristal mágico. As gargalhadas da menina demonstravam sua alegria.

Chegando perto de um riacho Joana percebeu uma luz brilhante, logo viu que era o cristal mágico. A água do riacho era tão cintilante, notou que era o cristal que iluminava e refletia sua luz na água formando um lindo arco-íris.

Assim, ela entendeu que era o cristal que fazia aquele lugar um “jardim mágico”. A fada percebeu que Joana não quis tirar a

magia do jardim para ficar com o cristal e demonstrou que realmente tinha o coração puro.

Portanto, a fada Luz, disse para Joana que seria sempre bem-vinda no jardim mágico.

Joana de Araújo Santos

PENSAMENTOS INTRUSIVOS GANHANDO VIDA



Quando era mais novo, pensava muito em apertar todos os botões do elevador do meu prédio, só por curiosidade. Esse pensamento era parecido com o que todos temos ao chegar perto da varanda de um prédio e pensamos: “e se eu jogar algo desse lugar?”

Após muito tempo pensando em apertar os botões do elevador, decidi executar o plano, só não sabia em que dia seria. Então, em um dia nublado e frio, saí de casa com meu pai para ir ao mercado. Depois da compra, estávamos voltando para casa e me lembrei do plano. Falei em minha mente que devia executá-lo e, daquele momento em diante, ninguém me pararia.

Já em casa, subindo o elevador, esperei, esperei e esperei mais ainda, até ele parar no quinto andar. Essa era a hora de executar o plano. Então, esperei meu pai entrar em casa. Após ele entrar, executei o plano com êxito, tirando o fato de eu ter ficado trinta segundos apertando o botão do quinto andar, pois ele não estava sendo acionado. Então, percebi que isso se devia ao

elevador estar parado no quinto andar. Depois de perceber isso, fui direto para dentro do nosso apartamento.

Dez minutos após ter entrado, meu pai me chamou e disse:

- Filho, uma vizinha reclamou que se atrasou porque o elevador parou em todos os andares antes do térreo. Foi você que apertou os botões?

Então, neguei várias vezes, até perceber que ele já sabia. Após perceber isso, confessei meu crime. Como punição, levei um sermão de cinco minutos sobre como eu não devia fazer aquilo. Após isso, nunca mais repeti o crime do elevador.

João Casarin Konig

O PATINETE



Um belo dia, eu estava jogando de Nerf com minha prima. Estava escondido atrás de uma moita, e a minha prima apareceu, e eu dei três tiros na cara dela.

Ela começou a chorar e reclamou para minha mãe, e minha mãe ficou muito brava. Decidi fugir de casa de patinete e só voltei depois de algumas horas.

Quando eu voltei, minha mãe me botou de castigo. Quando eu saí do castigo, fui jogar videogame e eu vi que a minha prima tinha estragado minha conta do videogame. Então eu decidi fazer um plano de vingança. O plano era simples, eu ia roubar o brinquedo favorito dela.

O plano começou, eu cheguei à casa da minha prima, entrei no quarto dela e roubei o brinquedo favorito dela.

Keyvan Gracie Hashemi

O DIA EM QUE EU “FUGI” DE CASA



Minha mãe me contou que quando eu era pequena, com mais ou menos quatro anos, eu desapareci. Ela estava lavando a louça e tinha me deixado assistindo a um desenho na sala, quando ela acabou e foi me procurar, não me encontrou.

Procurou por toda a casa, embaixo das camas, dentro dos roupeiros, atrás de todas as portas, mas sem sucesso.

Minha mãe começou a ficar desesperada e pensar no pior, e meus avós começaram a saga da minha procura também. Foi uma loucura, todo mundo chamando meu nome em voz muito alta.

Passou quase meia hora desse desespero, até que a nossa vizinha me trouxe para casa. Eu havia fugido para a casa dela.

Depois de a minha mãe já ter chorado, ela nem conseguiu brigar comigo por eu ter aprontado isso. Ela ficou feliz de me ver bem.

Letícia Schwinden Borges

POR QUÊ, DEUS?



Numa manhã ensolarada, eu, com a idade superior a sete anos, queria brincar com meus amigos na minha rua. Porém, minha mãe não me deixou, dizendo que eu estava doente, mesmo sendo mentira.

Duas horas depois desses fatos, a minha mãe dormiu, dando uma brecha para eu fugir da minha própria casa até a casa de meu amigo, o Pedro. Eu gritei na frente da casa dele:

- Pedro!
- O que você quer? - perguntou ele, e eu respondi:
- Quero brincar com você!
- Então entra. – Ele logo gritou de volta.

Depois de três horas da minha fuga, eu pensei em voltar para minha casa, porém, vi a minha mãe chorando e me procurando, então decidi ficar lá para não ficar de castigo.

Quando eu chego a casa, já era noite, eu vejo a minha mãe no sofá chorando, então, pergunto o que tinha acontecido. Ela começou a brigar comigo, depois de brigar comigo, ela ainda me falou que, se eu repetisse esses atos, ela iria me bater muito.

Lorenzo Fernandes de Amorim

O DENTE



Era hora do almoço, dia 7 de julho de 2018, um sábado, em viagem para o continente europeu. Depois do prato de comida que comi, sobrou um pão e um pouco de azeite.

Um tempo depois, minha mãe e meu pai começaram a ficar olhando para minha boca e notaram algo de errado.

Logo em seguida, pediram para eu abrir a boca, e eu fiquei meio desconfiado, porém abri minha boca. Minha mãe disse que o dente mole, em que eu estava mexendo, tinha sumido da minha boca.

Eu tinha engolido meu próprio dente.

Sem saber o que fazer, perguntei aos meus pais, e falaram que o dente ia sair no meu cocô.

Bem rápido, pensei que não iria ter fada do dente, porém, minha mãe criou a fada do dente fedorenta para me alegrar.

E assim foi a perda do meu primeiro dente.

Lucas Molossi Finardi

O CHOQUE



Estava eu na minha antiga casa de praia, íamos vendê-la, minha mãe estava arrumando o quintal, já o meu pai, um dos quartos.

Fui ver o que meu pai estava fazendo, ele estava arrumando um quadro, pendurando-o na parede. Quando eu vi aquilo, eu amei! Senti um sentimento inesquecível, pensei que era o ideal para o meu futuro. Queria pendurar obras de artes nas paredes!

Então, quando meu pai saiu do quarto, eu pensei em fazer um treinamento para o meu futuro, fui ver como iria me sair. Se eu fosse bem, já teria uma forma de comprar balas Fini sempre que eu quisesse, se eu fosse mal, poderia treinar mais vezes.

Fui correndo pegar minha maletinha rosa, dentro dela tinha várias coisas necessárias para viver, como um kit médico de brinquedo e um martelo de brinquedo. MARTELO! Perfeito! Peguei emprestado uns dois, três, ou talvez dez preguinhos do meu pai, meu martelinho rosa e comecei a trabalhar.

Coloquei um preguinho na tomada e comecei a martelar, martelar, martelar e, funcionou. Consegui colocar o prego! Como não tinha nenhum quadro deixei assim mesmo, eu adorei, então, fui logo colocar o segundo.

Comecei a martelar, martelar, martelar... Só me lembro de sair correndo pela casa e cair dura no chão! Levei um CHOQUE!

Acordei em uma cama no hospital. Depois de algumas horas, fui para casa.

Nunca mais tento pendurar um quadro!

Maria Eduarda Della Mea Rossi

APRENDENDO COM OS ERROS



Era mais um dia normal, minha mãe tinha me levado para cortar o cabelo e tinham cortado bem certinho, porém eu fiquei inspirada e pensei: por que não? Não tenho nada a perder, só meu cabelo. Minha mãe estava sentada no sofá, e eu do lado, estávamos vendo tv, então, eu saí do lado dela de fininho e fui até a cozinha, peguei a tesoura e voltei pro lado dela. Fiquei pensando como faria isso, e, daí, peguei meu cabelo, segurei com a mão esquerda e a tesoura com a mão direita. Então, até hoje não sei como fiz isso do lado da minha mãe, cortei o cabelo. Nem tentei esconder. Peguei o cabelo e cutuquei ela.

- Mãe! Mãe! Olha só! - eu mostrei pra ela super animada.

Ela quase morreu do coração, mas agora não tinha mais volta, já estava cortado.

Depois, meu cabelo custou a crescer, isso aconteceu lá em meados de 2017, e eu ainda tenho uma foto do dia. Alguns anos depois, eu cortei a franja de novo, mas dessa vez com o cabeleireiro. E agora, em 2024, eu cortei mais um pouquinho, mas não sozinha. E, como dizem, se aprende com os erros, não é?

Maria Eduarda Medeiros Santos de Souza

A VASSOURINHA



O ano era 2017, eu tinha cinco anos, e, como qualquer outra criança nessa idade, eu era muito, mas muito, muito teimosa, porém teve um dia em que eu me superei. Minha mãe estava trabalhando no quarto dela, e meu irmão estava no vôlei. Eu só conseguia pensar em uma coisa: minha vassourinha de brinquedo, mas onde será que ela estava?

Procurei pela casa inteira, até que me lembrei, estava em cima do meu guarda-roupa. Minha vassoura estava tão alta, tão longe de mim, eu tinha que pensar em alguma coisa e rápido...

Peguei as cadeiras da mesa de jantar e da cozinha, também peguei um banquinho do meu quarto e empilhei tudo isso, e uma escada (quase) perfeita se formou, e eu finalmente ia pegar minha amada vassourinha.

Comecei a subir nas cadeiras, e senti que tudo estava meio bambo. Foi aí que eu percebi o meu grande erro, mas já estava longe demais para desistir. Continuei subindo, peguei minha vassoura e, no mesmo instante, tudo caiu, e minha visão ficou preta.

Acordei no hospital, na sala de raio X, minha mãe e a médica estavam conversando sobre sei lá o que, e logo depois saímos do hospital.

Dentro do carro, minha mãe brigou comigo por não ter pedido a ajuda dela, e então eu falei:

- Mas mãe, eu consegui, eu peguei a vassourinha. Estou orgulhosa de mim mesma!

Maria Fernanda Vieira

A PEDALADA RADICAL



Em 2021, quando eu tinha 9 anos, eu adorava andar de bicicleta com a minha irmã Mariah. Um dia qualquer, eu resolvi andar de bicicleta no meu condomínio com a Mariah.

Dando algumas voltas, tentei fazer uma manobra radical, que era andar em zigzag, bem rápido e fazendo algumas curvas bem próximas ao chão. Na primeira tentativa, deu tudo certo, foi incrível até, mas na segunda, quando eu queria mostrar a manobra para a Mariah, eu acabei caindo de cara no chão e ralei todo o meu rosto. Na hora da queda, não doeu, mas a Mariah gritou e chorou tanto pedindo ajuda que eu acabei chorando também.

Com os gritos da Mariah, um vizinho escutou e saiu de casa para ajudar. Ele falou para a gente se acalmar e nos levou para casa. Em casa, assim que entramos, minha mãe se assustou e logo foi me tratar. Eu estava com a testa, as bochechas e logo acima do lábio machucados. E essa foi a terceira e última vez que ralei o meu rosto inteiro.

Nina Pepe Silva Wionosky Garcia

O SUSTO



Até os 7 anos, eu nunca tinha ficado sozinha em casa. Eu morava em Portugal, em uma cidade chamada Coimbra e, na época, eu era um pouco viciada em um jogo virtual, "Roblox", que eu jogava pelo computador do meu avô (que vivia comigo e com meus pais, junto com a minha avó e minha irmã). Pelo "Roblox", eu fiz várias amizades virtuais, com quem eu conversava frequentemente.

Era um dia qualquer de outubro de 2019, meus pais estavam viajando por algum tempo, e eu e minha irmã estávamos sozinhas com nossos avós. Minha irmã, Lina, tinha 3 anos na época e adorava brincar em um parquinho que tinha perto da nossa casa, eu também gostava. Então, ela pediu para ir a esse parque comigo e com os nossos avós, mas eu estava jogando com meus amigos virtuais e não queria largá-los. Depois de insistir muito para os meus avós me deixarem em casa enquanto eles iam ao parque, eu fiquei sozinha pela primeira vez aos meus sete anos de vida.

Eles saíram com a minha irmã e eu continuei jogando com meus amigos. Mas, aí, aconteceu o que eu nunca imaginei que aconteceria, meus amigos saíram do jogo e eu fiquei sozinha de verdade. Sem ninguém para conversar, no silêncio da tarde. Assim, eu me desesperei, ficar sozinha é muito diferente do que eu imaginava.

Então, eu desliguei o computador e fui correndo para o meu quarto e calcei meu chinelo, segurando as lágrimas. Se eu sabia o que eu ia fazer? Não, eu não fazia ideia. Mas aí, depois de cogitar

sair de casa e ir até o parquinho encontrar a Lina e os meus avós, eu tive a ideia de ir até a vizinha de baixo. Foi isso que eu fiz.

Saí do meu apartamento, pegando a chave e trancando a porta. Desci pelas escadas ou pelo elevador, não me lembro direito, e descí para o primeiro andar. Toquei a campainha da vizinha, ela não atendeu, por isso toquei de novo. Um tempo depois, a dona do apartamento abriu a porta e, então, quase chorando de desespero, expliquei a situação para ela. A moça me disse que eu podia ficar na casa dela até meus avós voltarem. Ela também disse que escreveria uma carta explicando que eu estava na casa dela, para colocar na entrada da minha casa.

Após escrever o bilhete e colocá-lo na minha casa, sentei-me no sofá do apartamento da vizinha e fiquei esperando. Para mim, pareceu eternidade! Então, no fim da tarde, meus avós apareceram e me levaram para casa.

Meus avós me contaram que, quando chegaram a casa e não me viram, ficaram desesperados. Procuraram embaixo da cama, na dispensa, em tudo, e só depois viram o bilhete.

Desde esse dia, fiquei um bom tempo com medo de ficar sozinha em casa.

Olívia Borges Morais

FALAR OU CAIR



Esta história que vou contar é sobre minha infância, quando tinha quatro anos, minha família e eu moramos em uma cidade chamada Joaçaba.

Durante minha infância, fui uma criança que gostava de brincar sozinho pela casa e explorando o quintal. Além destas brincadeiras, também tinha meus bonecos dinossauros! Que eu adorava brincar.

Em um certo dia, minha mãe estava na cozinha preparando nosso almoço, foi quando resolvi ser um pouco mais ousado, a minha casa era grande e tinha dois andares, e no meio dela havia uma escada no formato de caracol, onde eu tinha um pouco de medo de subir sozinho.

Mas neste dia resolvi ultrapassar meus limites, pensei ser um lugar bacana para brincar, na escada, só que houve um problema, somente consegui subir a escada e não sabia como descer. Então fiquei preso na escada, sentindo medo e aflição em como sairia desta situação, só que tinha um detalhe importante, eu ainda não sabia falar aos meus quatro anos, então minha mãe ainda não conhecia a minha voz.

Foi então, quando estava em apuros e com medo, precisei descobrir uma maneira de se comunicar, diante de uma necessidade muito importante precisei aprender a dizer a minha primeira palavra na vida! E adivinha qual foi?

- Socorroooooooooooooo!!!

Minha mãe que estava na cozinha, ouviu o tamanho desespero e saiu correndo em direção a voz que ela ainda nem conhecia! Chegando na escada ela se deparou com a minha cena de pedido de ajuda, minha mãe não sabia se ela ficava preocupada com o que estava acontecendo ou se comemorava a alegria da minha primeira palavra. Esta memória da minha infância é lembrada com muito carinho tanto por mim como por minha família.

Pedro de Aragão Chacur

A MELANCIA



Uma vez, quando eu era menor, meu pai estava comendo melancia, então ele me ofereceu um pedaço e, como estava muito gostosa, comi vários. Quando eu estava cheio, fui ao meu quarto, com um pedaço, e lá estava a nossa cachorrinha chamada Lady. Eu ofereci o pedaço a ela. Nesse momento, descobri que a Lady gostou tanto quanto eu da melancia.

Achei muito engraçado ver ela comendo a melancia e fui pegar mais pedaços com o meu pai, oferecendo para a Lady novamente. O meu pai estranhou, pois eu estava comendo muito e, como eu pedia um pedaço da melancia e corria em direção ao meu quarto, ele começou a suspeitar, pois tinha algo de estranho.

Foi me seguindo e, quando viu que eu estava dando a melancia para a cachorrinha comer, ele achou muito engraçado.

Pedro Schaefer Müller

A ÁRVORE



Era uma manhã ensolarada na casa da minha avó, eu estava brincando no grande quintal dela até que eu vi uma enorme árvore de seriguela bem madura, com cheiro de natureza, e decidi subir.

Quando comecei a subir, fui bem devagar para não cair, quando cheguei ao topo, eu avistei um galho frouxo, fiquei muito curiosa e quis tentar andar em cima, mas acabou quebrando.

No desespero, consegui me agarrar no galho de cima e descer, mas, na hora, senti que meu coração tinha parado. Acabei tendo uma ideia genial.

Peguei o galho e joguei na casa da vizinha e saí correndo para dentro da casa da minha vó, e lá fui procurar um esconderijo. Fui até a sala, mas minha vó estava lá e, antes que ela me visse, corri para o quarto da minha prima. Lá fiquei dentro do armário, mas acabei ficando com muita fome e tive que ir até a cozinha.

Minha vó estava lá e ela acabou me vendo. Me chamou para comer, fiquei conversando com ela e acabei até esquecendo o que eu tinha feito. Foi por pouco.

Rafaela Ramos Rios Diniz

O MACHUCADO DA AMIZADE



Quando eu tinha seis anos, estava no meu condomínio brincando, até que tive a ideia de ir a um lugar, que tinha um pequeno jardim, com dois canteiros altos separados por uma escada. Eu sempre pulava de um canteiro para o outro, mas, nesse dia, quando ia pular, pensei: "e se eu cair?" Porém, ignorei esse pensamento, então, quando pulei, caí e bati a cabeça na quina e quase desmaiei.

Uma menina e seu pai viram a cena e me ajudaram. Eu estava quase inconsciente, mas consegui falar meu apartamento, e eles me levaram até lá. Foi um machucado muito feio, meus pais ficaram desesperados, mas não fui ao hospital, fiquei meses usando pomada para melhorar.

Alguns dias depois, a menina, que tinha me ajudado, bateu na porta da minha casa, perguntando se eu estava bem. Assim, conheci uma das minhas melhores amigas da vida. Eu brincava muito com ela e, depois do que aconteceu, ela me ajudou muito.

Até hoje em dia mantenho contato com ela, é uma das melhores pessoas que eu já conheci, agradeço muito a ela e ao pai dela, foi um ato muito bonito.

Sofia Bittencourt Scirea

BICICLETA NÃO É SKATE



Quando eu tinha uns nove anos, eu adorava andar de skate, fazer manobras e descer rampas. Porém, uma vez que eu fui a uma pista de skate, eu acabei me acidentando.

Foi em um dia bonito, ensolarado, eu estava fazendo minhas manobras de sempre, descendo rampas e procurando novos obstáculos. Meu amigo Vitor (que naquela época tinha em torno dez ou onze anos) estava andando de bicicleta com o pai dele, o Márcio (que era bombeiro), eles viram eu e meu pai e foram nos dar um oi. Enquanto Márcio estava conversando com o meu pai, eu e Vitor estávamos rodando a pista. Eu, com meu skate, e ele, com a bicicleta dele.

Estávamos andando tranquilamente até que resolvemos andar nas rampas. O Vitor era muito bom andando de bicicleta, ele conseguia subir e descer rampas com facilidade. Daí eu achei que fosse fácil e quis que a gente trocasse de veículo para eu tentar fazer manobras com a bicicleta também.

Nas primeiras tentativas, eu até que fui bem, mas, em uma subida na rampa, minha mão escorregou do guidão da bicicleta, eu me lembro direitinho, o guidão virou e eu fui para frente por causa da falta de equilíbrio, fazendo minha barriga bater com o guidão da bicicleta. Foi como um soco fortíssimo na minha barriga. Eu caí da bicicleta com ela em cima de mim, apesar de eu estar com muita dor e chorando eu tirei a bicicleta do meu colo e me levantei. Porém, quando fiquei em pé, comecei a me sentir tonto, mas o Vitor tinha chamado nossos pais.

O Marcio rapidamente me acudiu, porém, meu pai, quando me viu daquele estado, desmaiou! Felizmente, eu já tinha me recuperado um pouquinho da dor e, sem querer, acabei achando que meu pai estava fingindo desmaio (Eu estava acostumado com brincadeiras assim, por isso a confusão).

Enfim, depois de o meu pai acordar, fomos agradecer ao Marcio pela ajuda, e, então, depois de eu dar tchau para o Vitor, fomos embora. Felizmente, eu não tive que colocar nenhum ponto no machucado, porém tenho a cicatriz até hoje.

Vinicius Brandini Souza

CAST CONTOS

PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS ALUNOS DO 6º ANO A DO FUNDAMENTAL

Professora Responsável: ANA CAROLINA JEFFE MONDADORI



Autores

ALICE FERRARI CAVALHEIRO
ARTHUR SILVA VAZ
BIANCA ALBÉ CASAL
BRUNO MAY CARMO
CATARINA PASTA ARENHART
CAUÁ DE CASTRO VENTURA
FELIPE MIRANDA LIMA
GABRIEL DE CAMARGO LE GLAS
GIOVANA LUCHESE SCHWENING
ICARO AYRES KNOLL
ISADORA MINGO FRANCEZ
JOANA DE ARAÚJO SANTOS
JOÃO CASARIN KONIG
KEYVAN GRACIE HASHEMI
LETÍCIA SCHWINDEN BORGES
LORENZO FERNANDES DE AMORIM
LUCAS MOLOSSI FINARDI
MARIA EDUARDA DELLA MEA ROSSI
MARIA EDUARDA MEDEIROS SANTOS DE SOUZA
MARIA FERNANDA VIEIRA
NINA PEPE SILVA WIONOSCKY GARCIA
OLÍVIA BORGES MORAIS
PEDRO DE ARAGÃO CHACUR
PEDRO SCHAEFER MÜLLER
RAFAELA RAMOS RIOS DINIZ
SOFIA BITTENCOURT SCIREA
VINICIUS BRANDINI SOUZA

Editoração Eletrônica e Arte Final: Humberto Raul Soares Filho / Lúcia Helena Pimentel e Silva

Escola da Ilha

Rua Vera Linhares de Andrade, 1910

Fone: 3233-5725

web: www.escoladailha.com.br

e-mail: escola@escoladailha.com.br